

Ano 5, Vol VIII, nº 1 , pág. 115-146, Jan-Jun 2012

O Envolvimento do Pai num Território Educativo de Intervenção Prioritária

José Albino Lima e Bruno José Rodrigues

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto,
Portugal

Resumo

O estudo do envolvimento paterno no processo desenvolvimental da criança tem merecido cada vez mais atenção pelas ciências sociais, e pela Psicologia em particular, ao longo das últimas duas décadas. Apesar disso, ainda existe um grande desconhecimento sobre o envolvimento do pai em contextos de risco social. Este estudo tem por objetivo contribuir para a compreensão das formas e fatores do envolvimento do pai num Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Pretende-se analisar as formas de envolvimento privilegiadas entre pais e filhos e testar o efeito de variáveis relativas à criança, ao pai e à mãe nestas formas de envolvimento paterno. Participaram 155 crianças em idade escolar (8-13 anos), que vivem na sua grande maioria num Bairro Social da Área Metropolitana do Porto e frequentam uma Escola TEIP. Foram exploradas as formas de envolvimento paterno – *Interação, Acessibilidade e Responsabilidade* – e diferenciados cinco tipos de interação diádica entre o pai e a criança – *Jogo, Funcional, Paralelo, Transição e Apoio Emocional e Estimulação*. Entre outros resultados, constata-se que o envolvimento do pai não é significativamente diferenciado pelo estatuto social. Apesar da pobreza em que muitas crianças vivem, genericamente, os pais interagem e assumem responsabilidades para com elas. O pai assume mais responsabilidades para com os filhos do que com as filhas, em especial na Autoridade e Disciplina. Os pais menos escolarizados interagem mais e estão mais acessíveis para os filhos. As mães assumem mais responsabilidades do que os pais em todas as dimensões. Os resultados obtidos demonstram globalmente a importância das variáveis testadas para o estudo do envolvimento do pai neste contexto e apoiam o modelo relativo às formas e fatores do envolvimento paterno.

Palavras-chave: envolvimento paterno, responsabilidades parentais, contextos sociais de risco

Abstract

The study of father involvement in children's developmental process has deserved more attention from the social sciences and from Psychology in particular, over the past two decades. Despite this, there is still a great lack of knowledge about the father's involvement in contexts of social risk. This study aims to contribute to the understanding of the forms and the factors of father's involvement in a Priority Educational Territory (PET). Intends to explore how this occurs in this PET, focusing the main forms of father's involvement and testing the effect of variables related to the child, the father and the mother in these forms of parental involvement. Participants were 155 children of school age (8-13 years), living mostly in social neighborhoods of metropolitan area of Porto and attending a PET' school. The forms of father's involvement in terms of *Interaction*, *Availability* and *Responsibility* are described. Five types of father-child dyadic interaction – *Play*, *Functional*, *Parallel*, *Transition*, and *Emotional Support and Stimulation* – were distinguished. Among other results, it appears that father involvement is not significantly differentiated by social status. Despite the poverty in which many of these children live, generally, parents interact and take responsibility for them. The father assumes more responsibilities to their sons than to their daughters, particularly in the *Authority and Discipline* dimension. Fathers with less education level interact more and are more available to their children. Mothers assume more responsibility than fathers in all dimensions. The overall results point to the relevance of the variables tested in this study, providing evidence for a model that integrates the forms and the factors of father's involvement.

Key-words: father involvement, parental responsibilities, parenthood, social contexts of risk

A investigação sobre as formas, fatores e consequências do envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos tem aumentado nos últimos anos. Este incremento, em larga medida, relaciona-se com o conjunto de transformações socioculturais e económicas que têm ocorrido nas sociedades ocidentais e, neste particular, em Portugal (nomeadamente a participação massiva da mulher portuguesa no mercado de trabalho). Apesar deste aumento, ainda se conhece muito pouco sobre a realidade dos contextos considerados de risco social.

Será que, tal como defendem alguns autores, o estatuto social pode determinar diferentes níveis de envolvimento paterno? Será que as crianças de

um nível económico mais baixo passam menos tempo com os seus pais, comparativamente às de nível social mais elevado (Nelson, 2004)? Será que o baixo estatuto económico potencia algum tipo de comportamento menos adequado e socialmente menos aceitável, por parte dos pais para com as mães e para com as crianças (Elder, Conger, Foster, & Ardel, 1992), e prejudica o referido envolvimento? Será que a pobreza reduz o nível de envolvimento emocional do pai (Nelson, 2004)?

Estas e outras questões estão na origem do presente estudo. Pretende-se analisar o envolvimento do pai, inserido num contexto sociocultural e económico específico ligado a um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Assim, exploram-se as formas de envolvimento privilegiadas entre pais e filhos, e analisam-se os efeitos de variáveis relativas à criança, ao pai e à mãe nas referidas formas de envolvimento paterno.

Criados em 1996 pelo Ministério da Educação (cf. Despacho nº 147 – B/ME/96, de 1 de Agosto) os TEIP, constituem uma medida de política educativa que determina uma intervenção num determinado espaço social e administrativo, no combate aos problemas de exclusão social e consequentemente de exclusão escolar. Na criação dos TEIP está a base do princípio de discriminação positiva na atribuição de recursos, que tem como principal finalidade a concretização do princípio de igualdade de oportunidades, tal como pode ler-se, logo no início do documento legal. Pretende-se apoiar as “populações mais carenciadas” criando nas escolas “condições geradoras de sucesso escolar e educativo dos seus alunos” com o

objetivo de “promover a igualdade de acesso e do sucesso educativo da população escolar do ensino básico”.

Como noutros países, em Portugal tem sido em escolas de bairros problemáticos que mais se têm desenvolvido experiências de inovação social. Neste sentido, os TEIP recuperam a importância do papel da educação enquanto contributo para a resolução das questões de desigualdade social. Inclusivamente a emergência dos TEIP no contexto educativo português relaciona-se com a necessidade de repensar os fenómenos de “exclusão social” e de “exclusão escolar” na medida em que o aumento de qualificações escolares não corresponde necessariamente a uma solução que impeça a exclusão (Canário, Alves & Rolo, 2001).

O estudo das condições sociais revela-se importante devido à manifesta influência no desenvolvimento da criança. Halpern e Figueiras (2004) definem fator de risco como um princípio que, quando presente, aumenta a vulnerabilidade de uma pessoa ou grupo potenciando a sua exposição a problemas. Os mesmos autores, apoiados em Garbarino (1992), defendem também que o risco relaciona dois tipos de interação: em primeiro lugar, a da criança com o seu meio social imediato, representado pela família onde ocorrem uma série de processos, acontecimentos e relacionamentos; em segundo, a interação desta família com o meio ambiente num sentido mais amplo. Ribeiro e Sani (2009) citam num dos seus trabalhos, o “ambiente socialmente tóxico”, que Garbarino (1992) defende como sendo fator de vulnerabilidade no desenvolvimento. De facto, os fatores ambientais estão

presentes em todas as fases de desenvolvimento e estes territórios caracterizam-se sobretudo pelo imperar de uma forte vulnerabilidade.

O enfoque deste estudo é a vulnerabilidade social, que está muitas vezes ligada à desigualdade social. Por exemplo, nas cidades, as crianças mais sujeitas a este tipo de problemas de exclusão são moradoras de bairros de periferia, onde sofrem com a falta de serviços básicos necessários para o seu bem-estar. Estão inseridas em famílias muitas vezes desestruturadas que vivem em condições inadequadas, moradias pequenas, sem condições de habitabilidade, constituindo deste modo contextos desenvolvimentais de risco. Além do mais, cria-se um ciclo vicioso que, não raras vezes, permanece por gerações, em que pais com baixas condições socioeconômicas e baixas expectativas não conseguem propiciar condições favoráveis para os seus filhos se desenvolverem. Por outras palavras, uma exclusão “programada” que impossibilita algumas destas crianças de usufruírem de condições estruturais e processuais facilitadoras do seu desenvolvimento.

De todo o modo, Molinari, Silva e Crepaldi (2005), novamente baseados em Garbarino (1992), salientam que os resultados no desenvolvimento da criança são produzidos muitas vezes não por um, mas pela combinação de vários fatores de risco aos quais a criança é sujeita. Além disso, não podemos ignorar um outro conjunto de fatores, ditos “protetores”, que contribuem de modo significativo para o processo desenvolvimental da criança.

A família constitui o grande “motor” para o desenvolvimento da criança (Bronfenbrenner, 2005), pois é neste microsistema que de modo privilegiado se podem desenvolver as principais interações e atividades que estimulam o

desenvolvimento da criança. Neste caso, uma criança que convive com pais em situação de vulnerabilidade poderá estar mais exposta a uma situação de risco, comparada a uma outra, inserida numa família socialmente mais favorecida.

De acordo com Dessen e Lewis (1998), para entender o papel do pai, é necessário perceber o que se passa no seio da família, tendo em conta as interações e as relações desenvolvidas entre os vários subsistemas e o contexto social em que as famílias se inserem. O pai é apenas um elemento do sistema e os seus papéis devem ser estudados de acordo com as interações e as relações desenvolvidas no contexto da família.

Apesar da escassez de estudos sobre o envolvimento do pai nas famílias de baixo estatuto socioeconómico, são vários os indícios que mostram que uma condição social económica baixa, associada a níveis educacionais e culturais também baixos, promovem muitas vezes uma “orfandade” de pai caracterizada pela sua ausência. De facto, o ChildTrends (2002) aponta o estatuto social como determinante no envolvimento do pai. Crianças de nível social mais baixo, passam menos tempo com os seus pais, comparativamente às de nível social mais elevado; além disso, o baixo estatuto económico potencia comportamentos agressivos por parte dos pais para com as mães e para com as crianças (Nelson 2004), prejudicando obviamente o referido envolvimento e os envolvidos. O mesmo autor lembra ainda os estudos de Harris, Furstenberg e Marmer (1998), como prova de que a pobreza reduz o nível de envolvimento emocional do pai. Ainda relativamente ao estatuto social, existe alguma evidência de que os homens oriundos de meio social mais baixo são pais mais

cedo e normalmente fora do casamento, a gravidez normalmente não é desejada e a maioria tenta “fugir” às suas responsabilidades de pai.

De todas as formas, a paternidade e o envolvimento paterno, mesmo vistos em contextos sociais desfavorecidos acabam por revelar faces diferentes. Na realidade, para muitos destes pais, a possibilidade de “ser pai” concretiza-se num efetivo envolvimento e num investimento pessoal. Aliás, como refere Nelson (2004), é visto como uma forma deste pai evitar os mesmos erros que “sofreu” no passado enquanto filho.

O envolvimento paterno é multidimensional e os pais podem envolver-se com os filhos sob as mais diferentes formas. Para estudar o referido envolvimento, de acordo com Lima (2009), autores como Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987) propuseram o modelo tripartido de envolvimento paterno: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade. A primeira diz respeito à interação direta pai-criança em atividades como o jogo e a alimentação. Na Acessibilidade, o pai pode ou não envolver-se diretamente na interação, mas continua disponível (física e psicologicamente) para a criança. Na Responsabilidade, o pai responsabiliza-se pelo bem-estar e segurança da criança (por exemplo, cuidar do filho ou saber quando este tem atividades extraescolares).

De acordo com a literatura são múltiplos os fatores associados ao envolvimento paterno. Os estudos mostram que os pais envolvem-se mais com os filhos do que com as filhas (Cabrera, 2000; Lamb, 2000; Pleck, 1997). Dubeau e Moss (1998) defendem que os pais revelam mais responsabilidades e expressam com mais frequência comportamentos afetivos e verbalizações para

com os filhos em comparação com as filhas, e despendem mais tempo com um rapaz. Lindsey e Mize (2001) avaliaram as interações pai-filho em sessões de "jogo físico" e constataram que as mães se envolvem mais na brincadeira com as suas filhas, enquanto o pai o fazia com os filhos, principalmente no que respeita a atividades de jogo físico. Este comportamento parece também ser mais evidente à medida que as crianças vão crescendo (Lamb, 2000; Pleck, 1997). Monteiro, Veríssimo e Santos (2010) referem estudos com famílias portuguesas indicando que, mesmo quando as mulheres trabalham, são elas quem continua a assegurar o essencial dos cuidados físicos às crianças, sendo a divisão destas tarefas, ainda, baseada no género. Um padrão distinto surge nas atividades de brincadeira/lazer, onde a participação dos pais é mais expressiva ou mesmo partilhada.

Vários estudos mostram também que, em situação de divórcio, o pai mantém um contacto mais frequente com os filhos do que com as filhas (Amato, & Keith, 1991). Camus (2003) acrescenta que o envolvimento do pai aumenta à medida que as crianças crescem, sobretudo com os rapazes. Essas diferenças são também mais evidentes nos pais do que nas mães no seu envolvimento com rapazes e raparigas.

Além do sexo da criança, também a idade acaba por influenciar e diferenciar o envolvimento do pai. Black, Dubowitz e Starr (1999), defendem que os pais se envolvem mais nas atividades diárias das crianças em idade escolar, em comparação com crianças mais novas. Provavelmente devido ao facto das primeiras não exigirem cuidados tão intensivos e específicos, deixados normalmente a cargo das mães (Wood, & Repetti, 2004). Deste

modo, os pais envolvem-se menos nas atividades que impliquem o cuidar dos filhos e mais nas atividades de realização e sociais com as crianças mais velhas. Por norma a interação dos pais com as crianças mais novas é de cariz mais lúdico, de jogo ou de interação social. O envolvimento do pai parece aumentar a partir do segundo ano de vida da criança. Esta evidência pode também estar associada a um melhor conhecimento por parte de pais e filhos (Dubeau & Moss, 1998). Também Allen e Daly (2007) defendem um maior envolvimento por parte do pai à medida que a criança se vai tornando mais velha.

Em relação à escolaridade, vários estudos mostram que as habilitações académicas dos pais encontram-se positiva e significativamente correlacionadas com a sua participação nas atividades de brincadeira e lazer dos filhos (Monteiro, Veríssimo, Santos, et al., 2008). Como já se referenciou, estas são vistas, cultural e socialmente, como mais características do comportamento paterno, sendo este o contexto em que os pais, eventualmente, se sentem mais à vontade para estar próximos e dar suporte afetivo, bem como, estimular as aprendizagens cognitivas e sociais dos seus filhos (Fletcher & Silberberg, 2006).

Apesar disto, a manifestação da afetividade e o envolvimento em algumas atividades de cuidados relativamente aos filhos já não são percecionados como “inadequados”, nomeadamente em pais mais jovens e com maior nível de instrução. De resto alguma legislação portuguesa encoraja esta possível transformação (Saraceno & Naldini, 2003).

Também no respeitante ao envolvimento na vida escolar dos filhos, autores como Oyserman, Brickman e Rhodes (2007) referem que este aparece associado ao nível de escolaridade dos pais. Pais escolarizados acabam por se envolver mais na vida académica dos filhos, nas aprendizagens, no sucesso académico e no bem-estar na escola que frequentam. O menor envolvimento de pais menos escolarizados parece estar associado a níveis de confiança mais baixos nas suas capacidades, assumindo por isso, uma atitude mais passiva em relação à escola. Esta menor confiança relaciona-se também com uma menor comunicação autónoma dos pais com a escola. Por estes motivos, acabam por se envolver maioritariamente perante situações problemáticas, relacionadas normalmente com problemas de comportamento das crianças.

Outra variável a considerar diz respeito ao nível de envolvimento materno. Na realidade, a maioria das pesquisas sobre o desenvolvimento e bem-estar da criança está focada na díade mãe-criança (Dessen & Silva, 2000), pelo que paralelamente ao envolvimento do pai deve-se ter em conta o próprio envolvimento da mãe. Esta tem um papel determinante pois, se por um lado pode propiciar oportunidades e apoiar o envolvimento do pai com os filhos, por outro lado, pode inibir e desvalorizar esse mesmo envolvimento. Exerce por isso muitas vezes um papel de regulação em relação ao envolvimento paterno (Lima, 2009).

Em síntese, este estudo pretende explorar as formas de envolvimento – Interação, Acessibilidade e Responsabilidade – privilegiadas entre pais e filhos inseridos num contexto TEIP, analisando em que medida o sexo da criança, a

escolaridade do pai e o envolvimento da mãe, variam ou se relacionam com o envolvimento paterno.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 155 crianças (70 raparigas, 85 rapazes) que frequentam o primeiro ciclo numa escola TEIP, com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos ($M=9.17$, $DP=1.13$)

As famílias são de estatuto socioeconómico baixo ou médio baixo, sendo a larga maioria das crianças abrangida pelo Serviço de Ação Social Escolar. Os pais apresentam idades compreendidas entre os 26 e os 65 anos. De referir o desconhecimento da idade do pai, por parte de 21 crianças (13.5%). No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos pais apenas frequentou o primeiro ciclo (30.3%). Por oposição, apenas dois pais são licenciados (1.3%).

Instrumentos

Para avaliar as formas de envolvimento respeitantes à Interação e Acessibilidade, fez-se uma entrevista com a criança, utilizando um instrumento designado por Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade – GUIA (Lima, 2009). Para fazer a avaliação da Responsabilidade utilizou-se a Escala de Responsabilidade Parental – ERP (Lima, 2009). Foram ainda recolhidos alguns dados sociodemográficos sobre as crianças e as famílias.

Com o Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade (GUIA) pretendia-se, através de uma entrevista individualizada auxiliar a criança a recordar-se das atividades realizadas num dia de semana e no último dia de fim de semana, descrevendo com pormenor a sua rotina e referindo ainda quem a

acompanhava. O GUIA contempla períodos de 10 minutos, resultando assim 144 períodos de tempo por cada rotina diária. Em cada diário é considerado para análise somente o período de vigília dos participantes e o tempo de envolvimento é calculado em minutos (Lima, 2009).

O GUIA facilita a recolha das informações relacionadas com as rotinas diárias das crianças e engloba os seguintes descritores: (1) a que horas decorria a atividade; (2) que atividade a criança estava a realizar; (3) se estava a fazer mais alguma coisa no mesmo período de tempo; (4) local onde decorria a atividade; (5) quem é que acompanhava a criança na atividade.

A Escala de Responsabilidade Parental – ERP (Lima, 2009) é composta por 27 itens, permitindo avaliar a percepção das crianças relativamente à forma como os pais assumem responsabilidades parentais. As crianças assinalam a resposta que consideram mais adequada à sua situação, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a “nunca”, 2 a “raramente”, 3 a “algumas vezes”, 4 a “muitas vezes” e 5 a “Sempre”. O conjunto dos 27 itens é colocado a propósito da assunção de responsabilidades pelo pai e pela mãe.

Foi realizada uma Análise em Componentes Principais (ACP) que revelou quatro componentes que explicam 50.74% da variância ($KMO=0.93$; teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(300)=3025.02$, $p<.001$; menor $MAS = 0.83$): Cuidados e Interesse (CI); Apoio Emocional e Estimulação (AEE); Escola (Esc.); Autoridade e Disciplina (AD). CI relaciona-se com a tomada de responsabilidades implicando o interesse pelos cuidados, atividades e quotidiano da criança (por exemplo, “O teu pai mostra interesse pelo teu dia-a-dia?”); AEE recai sobre o assumir da responsabilidade do pai pelo bem-estar

emocional e estimulação do filho (por exemplo, “O teu pai conversa contigo quando estás preocupado ou triste?”); Esc. reflete as formas de envolvimento paterno nas atividades escolares (por exemplo, “O teu pai vai às reuniões da tua escola?”); AD refere-se a aspetos relativos à autoridade, supervisão e disciplina da criança (por exemplo, “O teu pai manda lá em casa?”).

As subescalas Esc. e AD apresentam valores mais baixos de consistência interna (respetivamente, $\alpha=.65$ e $\alpha=.55$) e as subescalas CI e AEE apresentam valores elevados ($\alpha=.87$ e $\alpha=.86$, respetivamente). A consistência interna total da escala é de $\alpha=.91$.

Procedimento

Foram contactados os órgãos de gestão escolar, os professores e os encarregados de educação das crianças participantes. Foi explicado o objetivo do estudo e entregue o consentimento informado. Após o consentimento de todos os intervenientes procedeu-se à recolha de dados.

Antes de iniciar a entrevista com o GUIA foi feita a recolha de dados sociodemográficos. Por norma, o GUIA foi aplicado às quintas-feiras (para aferir informação relativa à quarta-feira) ou às segundas-feiras (para aferir informação relativa ao domingo). Quando tal não era possível por indisponibilidade das crianças ou do entrevistador, tentava-se que fosse aplicado num dia próximo do fim de semana, para que as crianças recordassem facilmente as suas rotinas. As entrevistas, com duração média de 20 minutos foram realizadas na biblioteca da escola, para maior conforto e privacidade.

Para a aplicação do ERP as crianças foram reunidas em pequenos grupos (no máximo 10 e todos da mesma turma), sendo explicado o objetivo do

estudo e garantindo novamente o anonimato e a confidencialidade. Seguidamente, cada uma das questões era lida em voz alta, passando-se à questão seguinte quando todas as crianças tivessem respondido à questão formulada.

Resultados

A apresentação dos resultados inicia-se pela caracterização das Formas de Envolvimento Paterno, considerando as três dimensões já referidas: Acessibilidade, Interação e Responsabilidade. Relativamente à forma de envolvimento Interação procura-se caracterizar os diferentes momentos de interação diádica avaliados. Nestas análises (à exceção da Responsabilidade) atende-se também ao Período da Semana (semana *vs* fim de semana) das referidas formas e tipos de envolvimento. De seguida é testado o efeito das variáveis sexo da criança e escolaridade do pai. No respeitante à Responsabilidade é explorado em que medida o envolvimento materno se relaciona com o envolvimento paterno, incidindo sobre elementos específicos e caracterizadores desta forma de envolvimento. Os resultados são apresentados em função das questões de investigação propostas para este estudo.

Questão de investigação 1. Como se caracterizam as formas de envolvimento paterno - Interação, Acessibilidade e Responsabilidade - em função do período da semana?

Em relação às formas de envolvimento Acessibilidade e Interação, começou-se por efetuar uma ANOVA de medidas repetidas entrando como fatores intrasujeitos o Período da Semana (Semana *vs*. Fim de semana) e duas das Formas de Envolvimento (Interação e Acessibilidade). Os valores

considerados são relativos ao tempo despendido pelo pai em minutos. A análise revelou vários efeitos significativos. O efeito significativo de Período da semana, $F(1,154) = 58.31, p < .001, \eta^2 = .28$, como se pode constatar no Tabela 1, indica que independentemente da forma de envolvimento, o pai está mais acessível e em interação com a criança ao fim de semana, $M = 146.41$ minutos, $DP = 169.69$, do que durante a semana, $M = 59.45$ minutos, $DP = 77.65$. O efeito de Formas de Envolvimento $F(1,154) = 170.08, p < .001, \eta^2 = .53$ revela que o pai despende mais tempo em Interação, $M = 172.96$ minutos, $DP = 179.15$ do que em Acessibilidade, $M = 32.9$ minutos, $DP = 68.18$. Finalmente, o efeito de Período da semana X Formas de Envolvimento, $F(1,154) = 65.10, p < .001, \eta^2 = .30$, mostra que o pai interage mais e está mais acessível, quer à semana, quer ao fim de semana. A interação verificada na análise relaciona-se com o facto da magnitude da diferença entre os dois períodos ser mais elevada no caso da forma de envolvimento Interação.

Tabela 1

Tempo (em minutos) despendido pelo pai nas formas de envolvimento acessibilidade e interação em função do período da semana

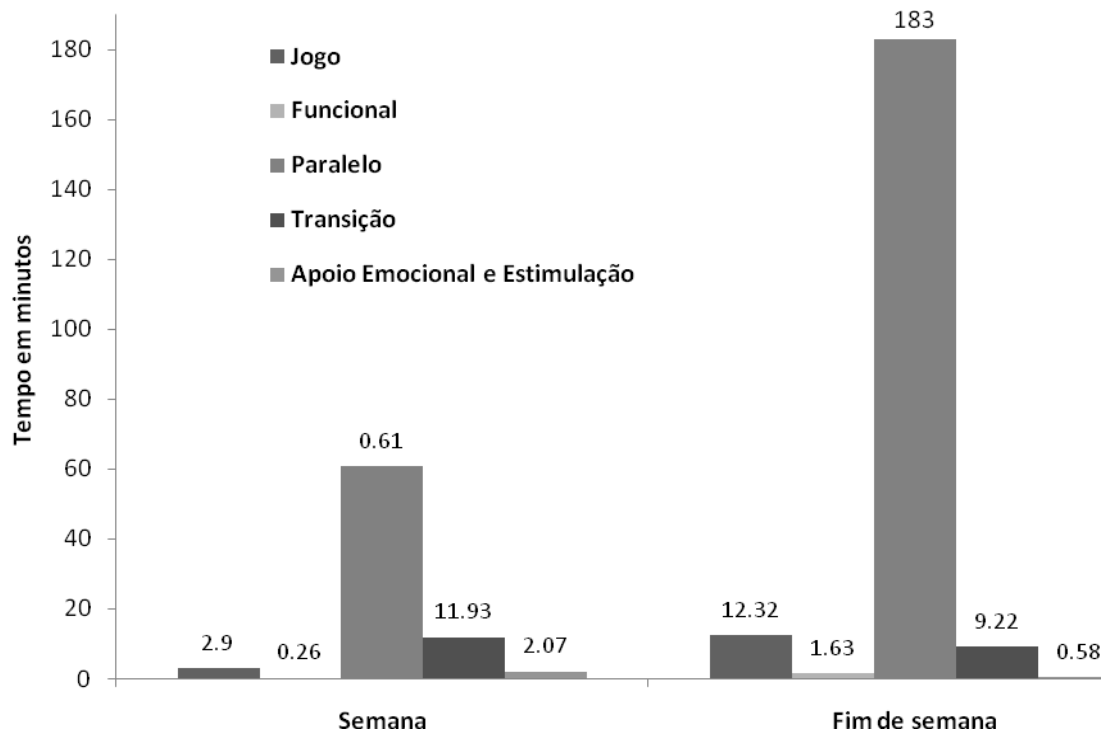
	Semana		Fim de semana	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Acessibilidade	20.5	43.40	45.35	92.96
Interação	98.45	111.89	247.47	246.41

Para analisar em que medida o Tipo de Interação entre o pai e a criança varia em função do período da semana, efetuou-se uma ANOVA de medidas repetidas entrando como fatores intrasujeitos os cinco Tipos de Interação (Jogo vs. Funcional vs. Paralelo vs. Transição vs. Apoio Emocional e Estimulação) e

o Período da Semana (Semana vs. Fim de Semana). A análise revelou efeitos significativos de Período de Semana, $F(1,151) = 66.48, p < .001, \eta^2 = .31$, de Tipo de Interação $F(4,148) = 129.39, p < .001, \eta^2 = .46$; e de Período da Semana X Tipo de Interação, $F(4,148) = 54.48, p < .001, \eta^2 = .27$.

Como se pode observar na Figura 1, o efeito de Período da Semana é consistente com o reportado acima. O padrão de médias dos cinco tipos de Interação revela que os pais despendem mais tempo em atividades de tipo Paralelo, $M = 121.81, DP = 145.93$ (comparação com os restantes, menor $t_{154} = 11.41, p < .001$), seguindo-se com tempo equivalente Transição, $M = 10.72, DP = 21.85$ e Jogo, $M = 7.53, DP = 27.86$ ($t_{154} = 1.37, ns$); por fim também de modo equivalente o tempo despendido em Apoio Emocional e Estimulação, $M = 1.35, DP = 9.11$ e Funcional, $M = .95, DP = 9.14$ (comparação com os restantes $< t_{153} = 3.25, p = .001$; comparação entre estes dois tipos de Interação $t_{151} = .43, ns$).

Figura 1. Tempo médio despendido pelo pai em função do tipo de interação e do período da semana



Relativamente aos Tipos de Interação em função do Período da Semana verifica-se que o pai interage mais em Paralelo, $M = 60.71$ (comparação com os restantes, menor $t_{154} = 6.76$ $p < .001$). De seguida encontramos Transição, (menor $t_{154} = 4.58$ $p < .001$). Depois Jogo, $M = 2.9$, (comparação com os outros tipos de Interação, menor $t_{154} = 2.10$ $p < .05$), Apoio Emocional e Estimulação, $M = 2.07$ e, por fim, Funcional, $M = 0.26$ (comparação entre estes últimos $t_{154} = .42$, ns).

Ao fim de semana, o padrão de médias é um pouco diferente do da semana. O pai continua a interagir mais em Paralelo, $M = 182.96$ (comparação com os demais, menor $t_{152} = 10.93$, $p < .001$). Segue-se de forma equivalente o Jogo, $M = 12.32$ e a Transição, $M = 9.22$ (comparação com os demais, menor $t_{152} = 2.97$ $p = .004$; entre eles $t_{154} = .84$, ns). Finalmente, o Funcional, $M =$

1.63 e o Apoio Emocional e Estimulação, $M = 0.58$ (menor t com os restantes $t_{152} = 3.50$, $p = .001$; entre eles $t_{151} = .81$, ns).

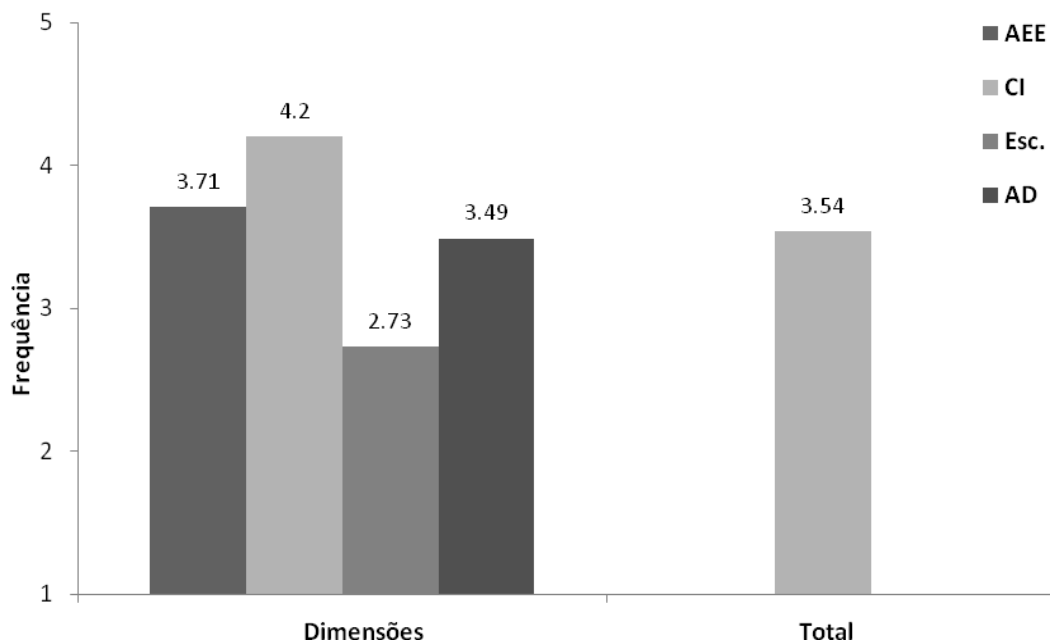
Relativamente à forma de envolvimento Responsabilidade começou-se por analisar em que medida o pai assume um conjunto de tarefas e responsabilidades para e com a criança. Ao considerar a totalidade da escala verifica-se que, em média, o pai assume mais do que “algumas vezes” essas responsabilidades, $M = 3.54$, $DP = 1.04$ (ponto médio da escala = 3, $t_{151} = 6.36$, $p < .001$; e menos do que “muitas vezes” = 4, $t_{152} = 5.49$, $p < .001$).

Para analisar o padrão de envolvimento do pai através dos quatro fatores da Escala de Responsabilidade Paterna efetuou-se uma ANOVA de medidas repetidas. Esta análise revelou diferenças significativas entre as 4 dimensões de responsabilidade do pai, $F(3, 453) = 112.60$, $p < .001$, $\eta^2 = .43$. O padrão de médias revela que o pai assume mais responsabilidade na dimensão Cuidados e Interesse, $M = 4.20$, $DP = 1.16$; seguida de Apoio Emocional e Estimulação, $M = 3.72$, $DP = 1.09$; Autoridade e Disciplina, $M = 3.5$, $DP = 1.18$; e finalmente Escola, $M = 2.73$, $DP = 1.38$. Na comparação entre as médias consta-se que todas diferem significativamente (menor $t_{152} = 3.43$, $p = .001$). Na figura 2 podemos visualizar esta distribuição.

Com base nas médias obtidas pode-se afirmar que as crianças consideram que o pai assume mais do que “muitas vezes” (=4) responsabilidades na dimensão CI, $t_{154} = 18.61$, $p < .001$. Na dimensão AEE e AD, assume responsabilidades mais do que “algumas vezes” (=3), $t_{153} = 8.14$, $p < .001$ e $t_{154} = 29.11$, $p < .001$. Em relação à Esc. as crianças consideram que o pai mais do que “raramente” (=2) é responsável pelas tarefas da referida dimensão, t_{155}

= 18.79, $p < .001$. Em todas as análises verifica-se também a diferença significativa relativamente ao ponto imediatamente a seguir na escala (por exemplo, na dimensão CI constata-se que difere também significativamente de “sempre”, $t_{154} = 7.99, p < .001$).

Figura 2. Assunção de responsabilidade paterna Total e através das quatro dimensões da ERP - AEE, CI, Esc. e AD.



Questão de Investigação 2. Em que medida as formas de envolvimento variam em função do sexo da criança?

Para responder a esta questão, relativamente às formas de envolvimento Interação e Acessibilidade, realizou-se uma ANOVA de medidas repetidas entrando o Período da Semana (semana vs fim de semana) e as formas de envolvimento (Acessibilidade e Interação) como fatores intrasujeitos, cruzadas com a variável Sexo da criança (2 X 2 X 2). Esta análise revelou efeitos do Período da Semana, $F(1, 153) = 169.35, p < .001, \eta^2 = .53$, de Formas de Envolvimento, $F(1, 153) = 58.54, p < .001, \eta^2 = .28$, e de Período da Semana X

Formas de Envolvimento, $F(1, 153) = 67.29, p < .001, \eta^2 = .31$. Os restantes efeitos com a variável Sexo não são significativos (maior efeito restante, $F(1, 153) = 2.17, ns$).

Os efeitos relativos a Período da Semana e a Formas de Envolvimento foram já reportados na questão de investigação anterior. Quanto à variável Sexo, neste estudo, constata-se que nem a Acessibilidade, nem a Interação, variam pelo facto do pai estar a envolver-se com um filho ou uma filha.

Tabela 2

Tempo de acessibilidade e interação (em minutos) em função de período da semana e sexo da criança

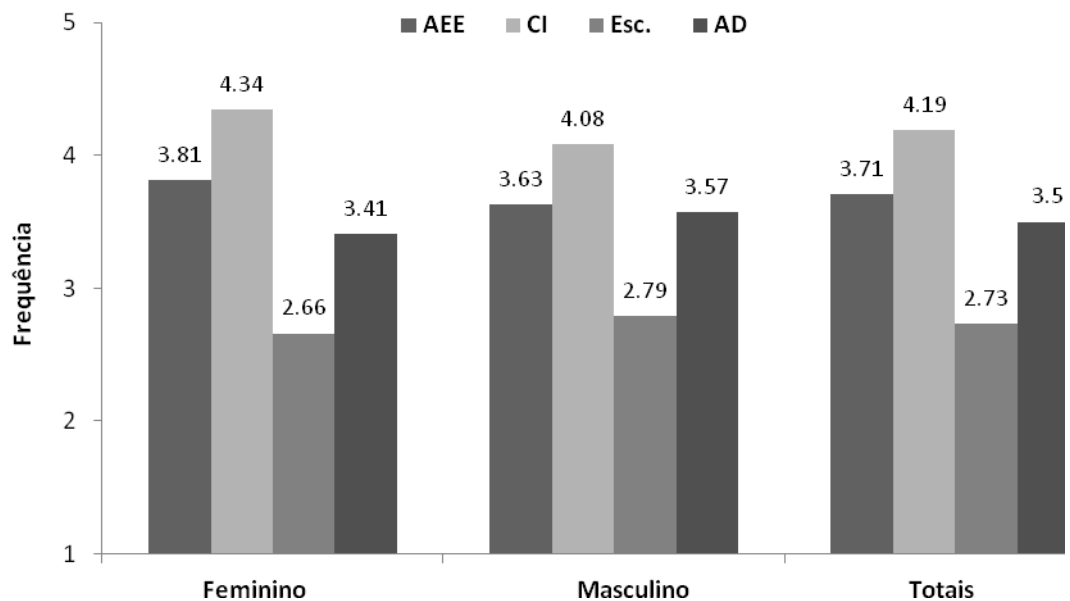
		Semana		Fim de semana	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Acessibilidade	M	26.24	13.43	54.47	34.28
	(DP)	(49.04)	(34.43)	(100.18)	(82.74)
Interação	M	108.47	86.29	240.34	256.14
	(DP)	(119.73)	(101.08)	(221.72)	(274.82)

No que diz respeito à forma de envolvimento Responsabilidade, na ANOVA de medidas repetidas entraram como fatores intrasujeitos as quatro dimensões de Responsabilidade (AEE, CI, Esc., AD) e como intersujeitos a variável Sexo da criança. Os resultados mostram o efeito de Responsabilidade Paterna, $F(3, 450) = 116.42, p < .001, \eta^2 = .44$, acima descrito. Relativamente à variável Sexo X Responsabilidade verifica-se um efeito significativo, $F(3, 450) = 3.43, p = .017, \eta^2 = .02$.

Quando se compara o padrão de médias entre os quatro fatores de ERP tendo em conta o sexo da criança, verifica-se que nos rapazes os fatores CI e

AEE não diferem significativamente ($t_{69} = .09, ns$), enquanto todas as outras dimensões diferem entre si, para os rapazes e para as raparigas (menor $t_{69} = .38, p = .001$). Na Figura 3 ilustramos a distribuição.

Figura 3. Padrão de médias relativo à ERP por sexo da criança



Questão de Investigação 3. Em que medida as formas de envolvimento variam em função da escolaridade do pai?

Para responder a esta questão, para a Acessibilidade e Interação, utilizou-se uma ANOVA de medidas repetidas entrando o Período da Semana (Semana vs Fim de semana) e as formas de envolvimento (Acessibilidade e Interação) como fatores intrasujeitos, cruzadas com a variável Escolaridade do pai (2 X 2 X 2). Esta análise revelou efeitos do Período da Semana, $F(1, 153) = 40.22, p < .001, \eta^2 = .24$, de Formas de Envolvimento, $F(1, 153) = 123.94, p < .001, \eta^2 = .50$, e de Período da Semana X Escolaridade do pai, $F(1, 153) = 4.99, p < .05, \eta^2 = .03$. Assim como, Período da Semana X Formas de Envolvimento X Escolaridade do pai, ($F_{1,153}=4.07, p < .05, \eta^2 = .03$). Os

restantes efeitos com a variável escolaridade do pai não são significativos (maior efeito restante, $F_{1, 153} = 123.94$, *ns*).

Os efeitos relativos ao Período da Semana e a Formas de Envolvimento foram já reportados na questão de investigação anterior. Quanto à variável escolaridade do pai, neste estudo, constata-se que, com base no padrão de médias (cf. Tabela 3), os menos escolarizados estão mais acessíveis e em interação à semana e ao fim de semana.

Tabela 3

Padrão de médias do nível de escolaridade do pai em função da interação e do envolvimento com a criança

		Escolaridade do pai	
		Menos escolarizados	Mais escolarizados
Semana - Acessibilidade	<i>M</i>	29,10	13,40
	<i>(DP)</i>	(54,51)	(24,25)
Semana - Interação	<i>M</i>	109,23	90,42
	<i>(DP)</i>	(122,38)	(101,62)
Fim de semana - Acessibilidade	<i>M</i>	69,61	28,29
	<i>(DP)</i>	(120,11)	(48,74)
Fim de semana - Interação	<i>M</i>	300,62	186,59
	<i>(DP)</i>	(265,98)	(202,49)

Verifica-se o efeito do Período da semana X formas de envolvimento X nível de escolaridade. Quando se compara o padrão de médias, verifica-se que durante a semana, a diferença entre o tempo despendido em acessibilidade pelos pais menos escolarizados e os mais escolarizados é tendencialmente significativa, $t_{123} = 1.86$, $p = .06$. Na interação não se revelam diferenças, $t_{123} = .89$, *ns*. No entanto, ao fim de semana, o tempo de acessibilidade e de

interação difere entre os mais e os menos escolarizados, $t_{123} = 2.25$, $p = .026$ e $t_{123} = 2.53$, $p = .013$, respectivamente.

Quanto aos tipos de interação, efetuou-se uma ANOVA de medidas repetidas entrando o Período da Semana (semana vs Fim de semana) e as formas Interação como fatores intrasujeitos, cruzadas com a variável escolaridade do pai. Esta análise revelou efeitos do Período da Semana, $F(1,153) = 43.287$, $p < .001$, $\eta^2 = .26$, e do Período da Semana X escolaridade do pai, $F(1, 120) = 4.40$, $p < .05$, $\eta^2 = .03$, assim como Período da Semana X tipos Interação X habilitações do pai, $F_{4,480} = 4.88$, $p < .001$, $\eta^2 = .03$.

Quando se compara o padrão de médias, verifica-se que durante a semana, não se encontram diferenças significativas entre os menos e os mais escolarizados (maior $t_{123} = .26$, *ns*. Ao fim de semana acontece o mesmo com exceção da dimensão Paralelo, na qual os menos escolarizados despendem significativamente mais tempo, $t_{123} = 2.12$, $p = .036$.

Relativamente à Responsabilidade, executou-se uma ANOVA de medidas repetidas entrando Escolaridade do pai (menos escolarizados vs mais escolarizados) e os quatro fatores de Responsabilidade como intrasujeitos, cruzadas com a variável escolaridade do pai (2 X 4 X 2). Realizou-se ainda uma Anova relativa à responsabilidade total paterna X escolaridade do pai. Esta análise não revelou efeitos da escolaridade do pai, quer ao nível das quatro dimensões de Responsabilidade $F(3,363) = .59$, *ns*, $\eta^2 = .041$, quer ao nível da responsabilidade total $F(1, 121) = .34$, $p = .56$, *ns*. Na figura 4 ilustramos a distribuição.

Questão de investigação 4. Em que medida a Responsabilidade paterna varia em função da responsabilidade materna?

Como se pode observar no Tabela 4, as associações entre a responsabilidade do pai e a responsabilidade da mãe, quer total, quer relativas às dimensões de ERP, não se revelam significativas. As correlações significativas, na generalidade positivas e elevadas, reportam-se à associação dentro das dimensões do pai e dentro das dimensões da mãe e não no seu cruzamento.

Figura 4. Padrão de médias de ERP (pai) em função do nível de escolaridade do pai

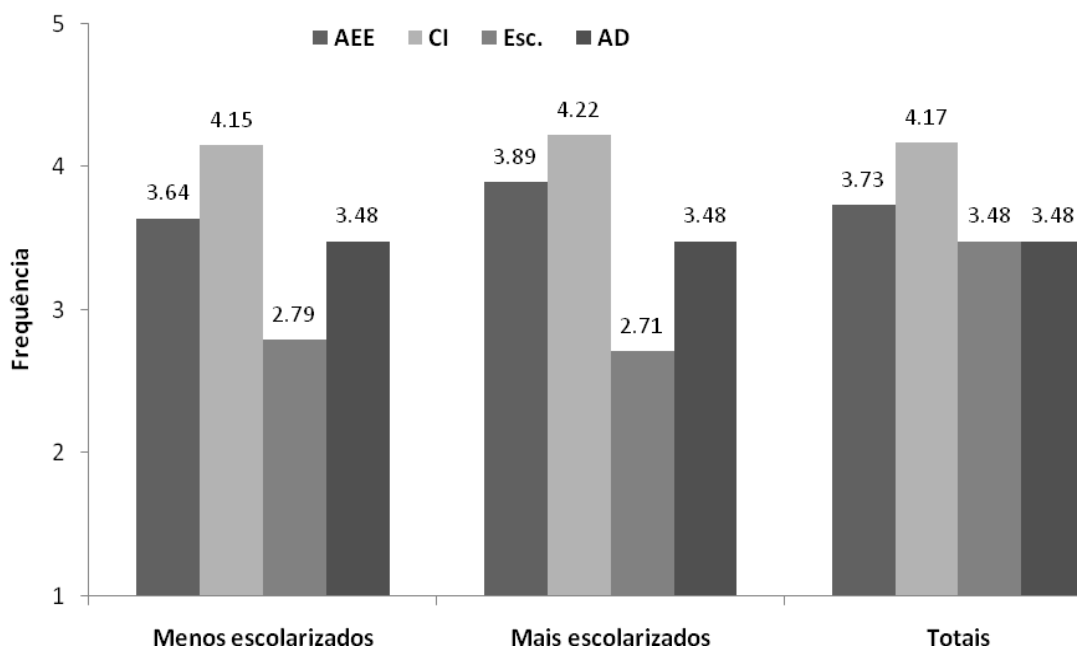


Tabela 4

Correlações entre os fatores da escala de responsabilidade para o pai e para a mãe

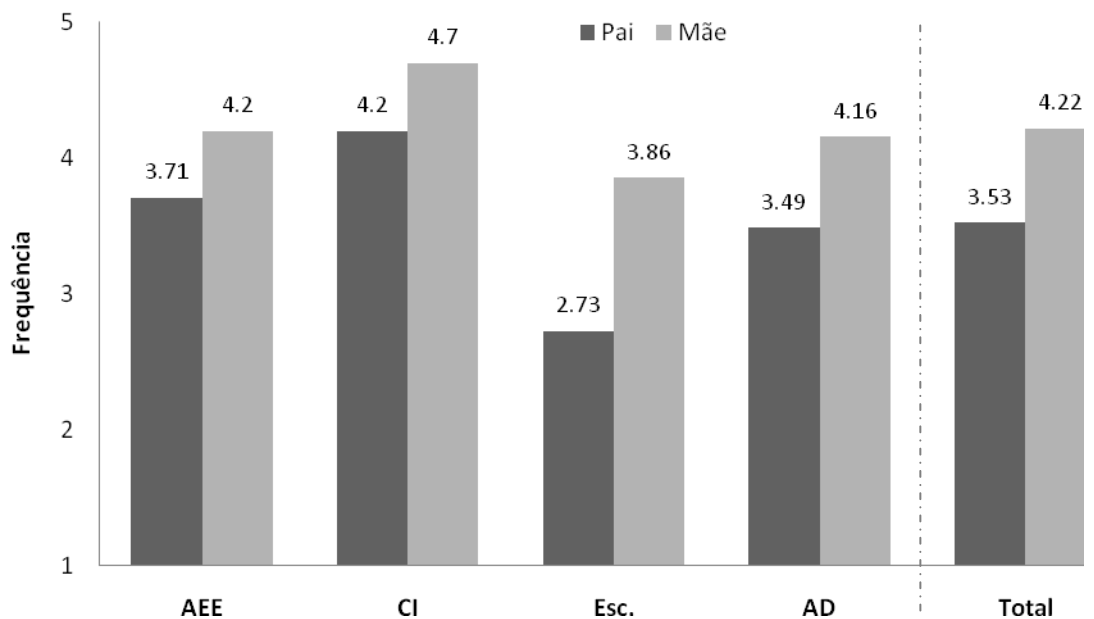
Pai	Mãe
-----	-----

		AEE	CI	ESC.	AD				
		AEE	CI	ESC.	AD	AEE	CI	ESC.	AD
Pai	CI	.841**							
	ESC.	.613**	.514**						
	AD	.769**	.514**	.562**					
	TOTAL	.918**	.881**	.795**	.880**				
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>									
Mãe	AEE	-.140	-.173*	-.126	-.137				
	CI	-.093	-.088	-.097	-.113	.596**			
	ESC.	-.055	-.076	-.025	.003	.442**	.373**		
	AD	-.067	-.046	-.036	.005	.565*	.487**	.518**	
	TOTAL	-.103	-.118	-.081	-.06	.778**	.688**	.817**	.817**

** p <.01

Para comparar o padrão de médias relativo às formas de envolvimento paterno com as formas de envolvimento materno efetuou-se um T-Student para amostras emparelhadas (ver Figura 5).

Figura 5. Médias dos quatro fatores da escala de responsabilidade paterna e materna



Verificam-se diferenças significativas, na comparação entre o pai e a mãe, em todas as dimensões de ERP e na escala total: apoio emocional e estimulação, $t_{153} = 4.40$, $p < .001$, cuidados e interesse, $t_{153} = 4.83$, $p < .001$, escola, $t_{154} = 7.87$, $p < .001$, autoridade e disciplina, $t_{153} = 5.85$, $p < .001$ e, por último, total da escala, $t_{150} = 6.68$, $p < .001$. Os valores das médias são sempre superiores para a mãe.

Discussão

Neste estudo analisaram-se as formas de envolvimento dos pais que vivem num contexto social com características específicas e inseridas num TEIP.

Em primeiro lugar convém referir a maior disponibilidade destes pais para com os seus filhos ao fim de semana. Esta evidência não é à partida surpreendente, uma vez que durante a semana as crianças passam a maior parte do seu tempo na escola e em atividades de tempos livres, enquanto os seus pais se encontram a trabalhar (embora nesta amostra 15,6% dos pais e 22,1% das mães estejam desempregados). Durante o fim de semana, o tempo é essencialmente despendido em Interação, enquanto que durante a semana se verifica um maior envolvimento em Acessibilidade.

Relativamente aos Tipos de Interação verifica-se que, durante a semana, estes pais interagem mais em Paralelo (por exemplo, nas entrevistas foram referidas pelas crianças “longas” horas em que pais e filhos viam televisão) e depois Transição (por norma são os pais quem leva os filhos à escola e ao ATL). Dedicam menos tempo ao Jogo e ao Apoio Emocional e Estimulação, mas é nas atividades de ajuda e prestação de cuidados (Funcional)

que os pais menos se envolvem. Relativamente ao fim de semana os pais continuam a interagir mais em Paralelo, mas despendem mais tempo em atividades do tipo Jogo, entendido como aquelas atividades centradas na criança e realizadas por prazer ou diversão. Também neste período, os pais envolvem-se menos em atividade do tipo Funcional e Apoio Emocional e Estimulação.

Estes resultados eram esperados atendendo ao contexto objeto deste estudo, à organização das famílias e ao horário escolar das crianças. Além do mais, nestes contextos socioculturais a “cultura tradicional” tem ainda grande influência nos microssistemas familiares. Este facto intensifica-se ainda mais porque as “etnias” (em particular a etnia cigana) constituem uma parte significativa desta população. Nestes grupos sociais os papéis que estes pais desempenham diferenciam-se pouco daquilo que faziam os seus progenitores. Isto é, dedicam-se essencialmente ao comércio (feiras na maioria dos casos) e a perpetuar o nome da família (embora o número de filhos seja atualmente menos numeroso). Continuam a ser atribuídas à mulher as funções de dona de casa e mãe. São as mães que normalmente se ocupam do bem-estar emocional dos filhos e garantem os cuidados básicos. Do homem é esperado que consiga impor regras de comportamento e garanta a continuidade das tradições familiares.

Esta mesma divisão de papéis pode-se constatar na comparação entre a assunção de responsabilidades pelo pai e pela mãe, sendo que a mãe assume sempre mais responsabilidades do que o pai. Da mesma forma não se

encontrou qualquer correlação entre as dimensões da responsabilidade entre o pai e a mãe.

No que respeita, especificamente à forma de envolvimento Responsabilidade do pai, e analisando o assumir de um conjunto de tarefas e responsabilidades para e com a criança, constata-se que o pai o faz mais do que “algumas vezes”. Este resultado é interessante pois contrasta com a representação muitas vezes assumida de que os pais de contextos socioculturais mais desfavorecidos não se envolvem com os seus filhos. De modo mais concreto o pai assume uma maior responsabilidade na dimensão Cuidados e Interesse e inversamente assume menos responsabilidade na dimensão Escola, onde tal “raramente” acontece. Esta menor Responsabilidade na dimensão Escola por parte do pai, já foi revelada em diversos estudos no campo da Psicologia da Educação. Estes demonstram que a participação do pai nas atividades escolares é muito reduzida, nem que seja a mera presença nas reuniões escolares (Lima, 2009). Como já foi referido, os pais normalmente, no que diz respeito ao nível da vida escolar dos filhos, optam por se envolver essencialmente na resolução de situações problemáticas do ponto de vista comportamental (Oyserman, Brickman, & Rhodes, 2007).

Este aspeto merece uma reflexão mais aprofundada. Apesar da confirmação do contributo positivo que os pais podem trazer ao desenvolvimento das crianças, parece também claro que estes pais, por um lado, não valorizam esta dimensão e, por outro, são pouco incentivados a participar no contexto escolar. Não raras vezes é a própria escola que tem dificuldade em criar mecanismos ou implementar programas facilitadores dessa

maior participação. Além disso, a maioria dos educadores recebeu pouca ou nenhuma formação específica na área da participação dos pais, e isto é especialmente verdade na área do envolvimento do pai em programas para a infância. Se o objetivo é o bem-estar das crianças e das famílias, então os professores precisarão de maior apoio técnico e de conhecer “boas práticas” que lhes permitam desenvolver e implementar iniciativas neste domínio.

Retomando o envolvimento específico neste contexto, nas dimensões Apoio Emocional e Estimulação e Autoridade e Disciplina, o assumir dessas responsabilidades é menor comparativamente à dimensão Cuidado e Interesse, mas superior à dimensão Escola. De salientar a harmonia dos resultados relativos à Responsabilidade paterna pois são coerentes com os obtidos nas dimensões da Interação e Acessibilidade. Estes mostram que é na dimensão Cuidado e Interesse que a criança considera que o pai assume mais envolvimento.

Um outro resultado pertinente no que se refere à Acessibilidade e à Interação tem a ver com a variável sexo. Apesar de alguns estudos mostrarem que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas (cf. Pleck, 1997; Cabrera, 2000; Lamb, 1997, 2000), neste estudo constata-se que nem a Acessibilidade, nem a Interação, variam em função do sexo da criança. Pelo contrário, na Responsabilidade, verificam-se algumas diferenças expectáveis. O pai assume mais responsabilidade com os rapazes do que com as raparigas, no entanto é no fator Autoridade e Disciplina que esta responsabilidade é mais significativa.

Esta variabilidade nos resultados reforça a posição de autores como Pleck e Masciadrelli (2004), que sustentam que, atualmente, o gênero exerce menor influência sobre o envolvimento paterno, do que em décadas passadas.

Relativamente ao nível de escolaridade dos pais, constata-se mais um dado surpreendente e que não vai de encontro à literatura. Neste estudo não se verificam efeitos significativos entre estas variáveis, e curiosamente, são os pais menos escolarizados os mais envolvidos, mais vincadamente no tipo Paralelo e mais ao fim de semana. De todo o modo, a este resultado não será alheio a pouca variância resultante do facto dos participantes terem predominantemente uma escolaridade baixa. Recorde-se que apenas cerca de 1% dos pais era licenciado.

Para além dos resultados já discutidos, acrescentam-se alguns apontamentos resultantes de uma análise qualitativa das entrevistas. Com efeito, podemos afirmar que neste TEIP a noção de que todos os pais com baixos rendimentos e em situações de risco negligenciam as crianças é um “mito”. Neste caso específico, apesar da grande maioria das crianças viverem em “bairros sociais”, pertencendo inclusivamente algumas delas às já referidas minorias étnicas (ciganos nomeadamente), muitas das crianças participantes afirmaram ter um envolvimento regular com o pai, que este assume as suas responsabilidades parentais e está presente em grande parte do seu quotidiano.

Finalmente, apesar das (inevitáveis) limitações deste estudo, acreditamos ter contribuído para um maior conhecimento sobre as formas e os fatores do envolvimento paterno, em particular, sobre esse envolvimento num TEIP.

Referências

- Allen, S. M., & Daly, K. (2007). Measuring father involvement. *The Journal of Men's Studies*, 10(2), 183-196.
- Amato, P. R., & Keith, B. (1991). Separation from a parent during childhood and adult socioeconomic attainment. *Social Forces*, 70(1), 187-206.
- Black, M. M., Dubowitz, H., & Starr Jr., R. H. (1999). African American fathers in low income, urban families: Development, behavior, and home environment of their three-year-old children. *Child Development*, 70(4), 967-978.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. L., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Camus, J. L., & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, 18, 95-99.
- Canário, R., Alves, N., & Rolo, C. (2001). *Escola e Exclusão Social*. Lisboa: Educa – Instituto de Inovação Educacional.
- Child Trends (2002). *Charting parenthood: A statistical portrait of fathers and mothers in America*. New York: ChildTrends.
- Despacho nº 147 – B/ME/96, de 1 de Agosto – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária – TEIP.
- Dessen, M. A., & Silva, N. P. (2000). Deficiência mental e família: uma análise da produção científica. *Paidéia*, 10(19), 12-23.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a "família" e o "pai"? *Paidéia*, 8(14-15), 105-121.
- Dubeau, D., & Moss, E. (1998). La théorie d'attachement résiste-t-elle au charme des pères? Approche comparative des caractéristiques maternelles et paternelles durant la période préscolaire. *Enfance*, 3, 82-102.
- Elder, G. H., Conger, R. D., Foster, E. M., & Ardelt, M. (1992). Families under economic pressure. *Journal of Family Issues*, 13, 5-37.
- Fletcher, R., & Silberberg, S. (2006). Involvement of fathers in primary school activities. *Australian Journal of Education*, 50, 29-39.
- Garbarino, J., & Abramowitz, R. H. (1992). *Children and families in the social environment*. United States of America: Library of Congress.
- Halpern, R., Amira, C. M., Figueiras, & Amira C. M. (2004). Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 25-43.
- Harris, K. M., Furstenberg, F. F., & Marmer, J. K. (1998). Paternal involvement with adolescents in intact families: The influence of fathers over the life course. *Demography*, 35(2), 201-216.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: An introductory overview and guide. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 1-18). New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29, 23-42.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J.

- Altman, A. Rossi & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). New York: Academic.
- Lima, J. A. (2009). *O Envolvimento do pai no processo desenvolvimental da criança em idade escolar: formas, factores e consequências* (Tese de Doutoramento em Psicologia não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Lindsey, E. W., & Mize, J. (2001). Contextual differences in parent-child play: Implications for children's gender role development. *Sex Roles, 44*, 155-176.
- Molinari, J. O., Silva, M. C., & Crepaldi, M.A. (2005). Saúde e desenvolvimento da criança: a família, os fatores de risco e as atenções na ação básica. *Psicologia Argumento, 23*(43), 17-26.
- Nelson, T. J. (2004). Low-income fathers. *Annual Review of Sociology, 30*, 427-451.
- Oyserman, D., Brickman, D., & Rhodes, M. (2007). School success, possible selves, and parent school involvement. *Family Relations, 56*(5), 479-489.
- Pleck, E., & Pleck, J. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 33-48). New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U. S. residential fathers: Levels, sources and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4 ed., pp. 222-270). New York: John Wiley & Sons.
- Ribeiro, M. O., & Sani, A. I. (2009). Risco, protecção e resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade das Ciências da Saúde, 6*, 400-407.
- Saraceno, C., & Naldini, M. (2003). *Sociologia da família*. Lisboa: Editora Estampa.
- Wood, J., & Repetti, R. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child care-giving involvement. *Journal of Family Psychology, 18*(1), 237-249.
-

Nota de autor:

José Albino Lima, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto; Bruno José Rodrigues, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Correspondência relacionada com este artigo deverá ser endereçada a José Albino Lima, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. Correio eletrónico: albino@fpce.up.pt

Recebido em 1/4/2012. Aceito em 30/5/2012.